

*Jesus' blood never failed me yet – notas para uma audição*

---

Fui desafiado para escolher uma obra musical que pudesse ser um lugar de convocação e um ponto de partida para o diálogo que hoje se quer aqui inaugurar. Devo dizer que não consumi muito tempo nos dilemas da escolha. Não procurei propriamente uma obra decisiva na história da música europeia, ou uma obra fortemente representativa dos idiomas musicais que proliferam na nossa atualidade. Procurei uma obra simples na sua transparência, direta na sua forma de comunicar e capaz de contar uma história.

Oriundo do mundo do jazz, o contrabaixista Gavin Bryars desenvolveu uma carreira de compositor com muitas singularidades. Por vezes é associado às correntes minimalistas americanas, mas a sua obra, estabelecendo pontes com diversos mundos, resiste à condensação numa etiqueta. A sua carreira está, no entanto, marcada pelo sulco de uma obra inesperada.

Em 1971, Gavin Bryars trabalhava, como diretor de som, num filme de Alan Power sobre os sem-abrigo que circulavam nas imediações de uma estação londrina. Entre as diversas gravações que realizou, a dado momento, um fragmento impôs-se. Trata-se do registo de um homem idoso, na rua, a cantar uma canção religiosa, conhecida em alguns meios cristãos de língua inglesa. Traduzindo de forma livre, o homem canta: «O sangue de Cristo nunca me falhou... uma coisa eu sei, ele ama-me muito». Gavin Bryars começou por experimentar a improvisação ao piano sobre a melopeia do velho homem e reparou que a canção, na voz que lhe dá corpo, se revelava invariavelmente penetrante nos auditórios. A voz não vem de um concurso de talentos, não corresponde nem a estereótipos comerciais nem aos padrões de beleza mais reconhecidos. O paradoxo de uma voz banal, frágil, que transporta uma narrativa cristã de confiança, em tensão com a própria situação social do cantor, é o arco de significados que desafia o trabalho criativo do compositor (no contexto desta sessão, não pude deixar de aproximar a voz deste sem-abrigo do José cuja trajetória Machado Pais estuda nas deambulações sociológicas que reuniu em «Nos rastos da solidão», obra de 2006).

Trata-se de um canto que vem da rua, mantido na sua crueza, transportando o seu ruído, mas que, na orquestração mutante de Gavin Bryars, se vai transfigurando. O que mais impressiona não é o exercício de orquestração (numa das versões, o compositor chega a orquestrar este fragmento em 150 sequências diferentes). O que se pode revelar mais cativante consiste talvez nessa direção que a obra toma, optando por permanecer, a cada repetição, com uma orquestração cada vez mais sofisticada, na centralidade desta voz que vem da rua. No último quarto da obra, na versão que aqui escutaremos, junta-se a voz de um cantor profissional, o Tom Waits, uma sonoridade perturbante e subterrânea, que nos abre à possibilidade de novos contrastes. Mas a voz anónima da rua continua lá, estática e extática.

Este tornou-se um dos primeiros grandes sucessos da carreira de Gavin Bryars – talvez o maior. Quando o compositor procurou, de novo este homem, após as primeiras experiências, descobriu que ele tinha falecido. Morreu sem conhecer ou beneficiar do sucesso do seu canto.

Espero que esta experiência de audição seja o começo de uma boa conversa.

*Alfredo Teixeira*